

Projecto de salvaguarda das esculturas de  
**Rosalina de Passos**

**Instituto Politécnico de Tomar**  
Escola Superior de Tecnologia  
Departamento de arte, conservação e restauro

**Conservação e restauro complementar II – cerâmica**

Docente: Mestre Ricardo Triães  
**Discente: Ângela Zacarias Nº 7051**

“ Qualquer coisa de superior às minhas forças me arrasta para o atelier e afasta o meu espírito da vida terrena. Pego no barro, modelo com um frenesi tal, que em poucas horas o barro ganha forma e expressão, reflecte a minha inquietude de alma materializando o meu pensamento nestas figuras.”

“ É o maior sonho da minha vida, o mundo da minha imaginação que ganhou forma e entre o qual o vivo. Cada figura destas tem a sua personalidade própria e é fiel ao meu ideal.”

**Rosalina de Passos**



## Índice

### **Agradecimentos**

### **Introdução**

A personalidade de Rosalina de Passos

1879-1955

**A biografia**

**A formação**

**A concepção das obras**

**As influências artísticas**

As esculturas

**Esculturas de barro**

**Esculturas de gesso**

Projecto de conservação

**Diagnóstico**

Estado de conservação das esculturas de barro

Estado de conservação das esculturas de gesso

Condições de reserva

**Proposta de conservação**

Objectivos

Conservação indirecta

Conservação directa

Plano de exposição

**Objectivos**

**Local de exposição**

Museu do Trajo - sala de arte contemporânea

**Condições de exposição**

Sistema de iluminação

Sistema de segurança

Sistema de controlo e monitorização do ambiente

Expositores

**Comunicação, pedagogia e marketing**

Design e concepção das salas de exposição

Informação

**Considerações finais**

**Bibliografia**

## Agradecimentos

No decorrer deste trabalho várias foram as pessoas que contribuíram para a sua realização.

Gostaria de agradecer à Dr<sup>a</sup> Graça Passos pela autorização que concedeu, permitindo o contacto directo com todas as esculturas, assim como ao Museu Etnográfico do Trajo Algarvio, ao director Sr. Emanuel Sancho e a todos os funcionários, por toda a disponibilidade, ajuda e simpatia.

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda da minha amiga Carina Santos, fotojornalista, que teve a paciência de passar três dias fechada comigo no sótão, a documentar fotograficamente as esculturas. E que ajuda, teria sido impossível transportar aquelas esculturas de 40 kg, sem ela!

Já no decorrer da elaboração do projecto, muitas foram as opiniões que pedi aos meus colegas do Rheinisches Landesmuseum, aos quais gostaria também de dizer o meu muito obrigado, com especial atenção ao Marco Romussi.

Por fim, agradeço a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho fosse possível, família, amigos e professor Ricardo (com um puxão de orelhas aqui e outro ali, bem ou mal, isto saíu!).

A todos o meu muito obrigado!

## Introdução

Nascida entre a serra e o mar, no barrocal algarvio, Rosalina Dias de Passos, foi a maior, se não a única escultora algarvia da primeira metade do século XX.

Influenciada largamente pelo movimento naturalista e já mais tardiamente pelos expressionistas, esta magnífica escultora deixou-nos um legado genial e único no seu estílo.

Nunca antes o Algarve conheceu uma obra escultórica tão significativa, nascida de mãos femininas. Embora não tenha tido formação académica, Rosalina procurou adquirir conhecimentos com outros artistas conceituados, transpondo para as suas esculturas de forma autodidata, uma paleta de sentimentos em espécie de autobiografia. As suas esculturas narram sentimentos de dor, sofrimento, angústia, raiva, injustiça e tristeza. Moldou a sua vida amargurada em barro e gesso, transpondo parte do seu EU, para estas figuras.

Após a morte da escultora em 1958, as obras permaneceram por longos anos no seu atelier em São Brás de Alportel, em situação de abandono.

Com o decorrer do tempo, o espaço foi-se deteriorando, permitindo o surgimento de vários agentes destruidores que provocaram patologias, algumas irreversíveis.

Muitas foram as esculturas que não resistiram aos nossos tempos.

Após o ano de 1996, um novo interesse resurgiu perante estas obras. Com a doação destas ao Museu Etnográfico do Trajo Algarvio, o conhecimento e avaliação do estado de conservação das esculturas, anunciou novas preocupações. Era urgente salvaguardar este legado!

As peças foram transportadas para o espaço de reserva do museu, sendo que em 2006 receberam novas instalações e pequenos tratamentos de conservação.

Porém, ainda muito se encontra por fazer, já que as esculturas não se encontram acondicionadas nas condições ideais, sendo que o seu processo de degradação continua em decurso, de forma lenta e contínua.

Como tal, o presente projecto de salvaguarda, propõe uma série de medidas que permite não só a conservação e a sua perduração no tempo, como o conhecimento histórico e registo documental deste legado, ainda pouco estudado. Sendo este um projecto, está sujeito a alterações sempre que as técnicas, materiais ou meios não mostrem resultados satisfatórios.

A personalidade de Rosalina de Passos  
1880 –1958

## A personalidade de Rosalina de Passos 1880 –1958

### A biografia

Nascida a 15 de Novembro de 1880 em São Brás de Alportel, Rosalina Dias de Passos é a maior, se não a única escultora algarvia da primeira metade do século XX. A obra ímpar e genial que nos deixou, ainda que desconhecida do grande público, revela um talento inigualável na história da escultura algarvia, realizada por mãos femininas.

Filha do democrata e publicista Bernardo Rodrigues de Passos, irmã do poeta Bernardo de Passos, da pintora Virgínia de Passos e do escritor Boaventura de Passos, Rosalina nasceu e cresceu, num ambiente familiar erudito dotado para as artes e para as letras, muito propício ao seu desenvolvimento intelectual e criativo. Não manifestou porém, que se saiba, qualquer tendência para a escultura durante a infância e adolescência.

Foi já depois de casada com Virgílio Rodrigues de Passos, aos 24 anos, que o interesse pela escultura surgiu involuntariamente, quando,

"numa noite de luar, quando me aproximei de uma das minhas chaminés, que me deu impressão maravilhosa de estar num imenso jardim ornamentado por

estátuas. Quanto mais contemplava as chaminés mais via nelas figuras com expressões e atitudes diferentes".

segundo uma entrevista dada a *Victor de Melo* e editada por Gomes & Rodrigues, Lda, Lisboa, 1945.

Começou por modelar em gesso duro cortado a canivete, passando mais tarde para as esculturas em barro. Ao longo de meio século produziu mais de uma centena de trabalhos. Embora tenha feito algumas figuras de menores dimensões, foram os bustos e as figuras de presépio em tamanho natural, as obras mais significativas.

A arte que despontou inicialmente como uma paixão, revelou-se ao longo dos anos, um verdadeiro refúgio aos aspectos dolorosos que pautaram a sua existência,

" isto são entretenimentos do meu espírito, mas, sem eles, creio que a vida me seria insuportável. ... A morte dos meus irmãos Bernardo e Boaventura, a falta de saúde da minha família, têm-me enegrecido a alma e inspirado alguns trabalhos que traduzem o meu estado de espírito...É um desabafo do pensamento que cavalga através dos sofrimentos e ilusões,

ganhando volume entre os meus dedos”.

Sensível às hostilidades da vida e de temperamento melancólico, transpôs para as esculturas a sua própria biografia, em expressões de angústia, desalento, tristeza, raiva e choro.

Embora a carreira artística tenha sido condicionada por uma vida familiar tradicional e pela interioridade do barrocal algarvio, Rosalina ganhou alguma popularidade regional. Pessoas vindas de todo o Algarve, deslocavam-se até ao atelier para contemplar as magníficas peças, com especial predilecção para os presépios em tamanho natural.

Também os periódicos da época lhe teceram inúmeros elogios, tendo sido publicado fotografias de trabalhos seus, na imprensa regional e nacional.

Ainda em vida, a artista expôs algumas das suas obras em Lisboa. A primeira exposição deu-se no salão *O Século*, seguindo-se na *Casa do Alentejo* e duas vezes na Sociedade Nacional de Belas-Artes, sendo que a última, em 1943, teve como tema a *I Exposição Feminina de Artes Plásticas*. Aqui, entre outras obras, foi exposta *Angústia*, peça que a escultora ofereceu para as vítimas do ciclone de 15 de Fevereiro de 1941. Também o busto de Virgílio de Passos figurou nessa exposição.

Além da escultura, a artista dedicou-se ainda à poesia, que deixou inédita ou dispersa por jornais.

A escultora faleceu em 1958, aos 78 anos de idade, deixando um legado excepcional para a cultura artística da sociedade portuguesa.

### **A formação**

Não tendo a genialidade de outros escultores da época, foi uma boa escultora, cuja falta de aprendizagem académica e rigorosa, condicionou alguns aspectos da sua obra.

Foi no atelier situado nas imediações de sua casa que Rosalina desenvolveu de forma genuína e autodidacta, um talento inato, que viria a resultar neste magnífico legado.

Segundo a escultora, na entrevista atrás referida, haveria falta de um formador no Algarve. Para comutar a necessidade de aprender comprou livros da especialidade e, nas suas idas a Lisboa, procurou adquirir conhecimentos com escultores mais experientes, como Simões de Almeida e Maximiano Alves.

A primeira experiência que teve foi em gesso, ao tentar reproduzir postais em relevo. Depressa, a curiosidade e necessidade de novos desafios, fê-la direccionar-se para a reprodução de familiares em busto. Começou por treinar a criação de

volumes a partir de gesso cortado a canivete, seguindo-se os trabalhos em barro.

Uma das primeiras esculturas terá sido o busto de sua mãe, Joaquina de Passos, que na altura teria cerca de 70 anos (*fig. 2*). Esta escultura de fisionomia contida e austera mostra ainda um certo acanhamento plástico tanto na expressividade do rosto, como no tratamento estilizado do cabelo. Na fase final da sua obra, Rosalina viria a mostrar-se uma escultora mais expressiva.



Fig.2 | *Joaquina de Passos*, aos 70 anos.

(Esta escultura não se encontra no META. Fonte: Mello, 1945)

### **A concepção das obras**

Desenvolveu todo o trabalho assente em duas técnicas distintas, o gesso e o barro. Ao contrário do que seria corrente, não se conhecem desenhos preparatórios das esculturas, levando-nos a crer que a artista consebia as suas obras directamente no material.

A informação sobre os aspectos construtivos é fugaz. Sabe-se apenas que as esculturas em gesso seriam modeladas a canivete a partir de um bloco único de gesso duro, recorrendo à subtracção de material.

As esculturas de barro tudo indica uma modelação tradicional com as mãos, por adição e subtracção de matéria, sendo também estas blocos únicos. Para criar as reentrâncias e dar expressividade à volumetria das esculturas, Rosalina utilizava uma panóplia de instrumentos muito reduzida, contando apenas com alguns teques e provavelmente, com um ou outro pincel molhado para alisar as superfícies. É possível reconhecer-se facilmente as marcas de teques dentados decorrentes do desbaste selectivo da argila.

Raras são as esculturas que se encontram ocas no interior, o que lhe confere um avolutado peso. A má qualidade do barro e o facto das peças não serem cozidas proporcionaram uma difícil conservação da argila que, logo após o processo de secagem começava a dar indícios de

instabilidade física, como refere a artista,

“ Foi pena que o barro rachasse tanto, pois todos os dias tinha um trabalho extenuante a tapar as fendas logo que o barro começou a secar.”

Infelizmente muitas foram as peças que não chegaram aos nossos dias, e as existentes, encontram-se em estado muito avançado de deterioração.

O acabamento das esculturas não era prioridade no trabalho da artista, uma vez que a mensagem simbólica, essência da sua obra, já estava alcançada através da forma e do volume. Apenas algumas peças tem coloração ou pátina. Entre inúmeras dificuldades intrínsecas à modelação, Rosalina deparou-se ainda com a falta de pessoas, com disponibilidade e paciência, para servirem de modelo. Os bustos de familiares eram os trabalhos mais morosos, pela necessidade de captar as feições e expressões de cada indivíduo. A propósito do busto de sua mãe, a artista refere,

“ Quantas vezes não a fui visitar para trazer na memória certa expressão que ainda não tinha conseguido fixar no gesso!”

Outros trabalhos, como os bustos de Alexandre Herculano, Tolstoi ou Beethoven, foram

elaborados com o auxílio de uma fotografia. As obras mais expressivas e desconcertantes, como *Súplica*, tiveram como modelo a própria artista,

“Servi-me de um espelho e fui eu mesma o modelo do meu trabalho. Não copio as minhas feições mas a expressão do meu rosto...tive um trabalho extenuante de persistência e principalmente de concentração, para fazer a expressão e as mãos com os dedos entrelaçados em ar de súplica. Via as minhas mãos, nessa posição, ao espelho, tentava fixar a atitude e reproduzi-la no barro, o que felizmente consegui ao fim de muitas tentativas...”.

Segundo a escultora, esta foi a obra mais difícil que concebeu devido à complexidade da posição das mãos.

### **As influências artísticas**

*Contexto histórico-cultural da escultura em Portugal na segunda metade do século XIX e primeira o século XX*

Contemporânea de artistas como Soares dos Reis, Almeida Simões e Maximiano Alves, tendo mesmo privado com estes dois últimos, Rosalina de Passos sofreu grande influência do período naturalista. As suas obras são maioritariamente de plasticidade e temática naturalista, registando-se mais para o fim da sua carreira o despontar de formas expressionistas.

Não tendo havido em Portugal realismo nem impressionismo, o naturalismo persistiu durante cerca de 40 anos (1870-1910), devido à sua neutralidade temática e modesta expressividade com que se identificou a burguesia portuguesa.

A escultura não atingiu grande magnitude em contexto lusitano, esta tradicionalmente destinada a servir a nobreza e o Estado, enquadrou-se em cânones clássicos, assentes na cópia, não deixando lugar à imaginação e muito menos à inovação.

Os escultores no final do século XIX foram poucos e pobre o mercado para as suas obras. As peças de escultura, maioritariamente estatuária, pelo espaço a que obrigavam dificilmente eram compradas pelo comum burguês, com a excepção de alguns mais abastados que habitavam em palácios e palacetes. Só mais tarde tornou-se comum a forma de *bibelot*, permitindo uma maior e mais generalizada saída da produção escultórica. Por outro lado, as encomendas de bustos, embora comesçassem a provir da burguesia, pelo facto de serem encomendadas não permitiam grande liberdade ao escultor. Os escultores estiveram assim muito dependentes de um gosto oficializantes, de que a custo se libertaram já no limiar do século XX. (CARVALHO, 1986)

Rosalina envolvida neste contexto artístico e

social, modelou o busto de familiares e figuras das artes, com rigor e fidelidade. Escultora populista, representou também o povo e os seus costumes, reflectindo o olhar que a pequena burguesia lançava sobre este. As obras aparecem num diálogo entre a interioridade aflita e a exterioridade imediata. Esculturas como *Alexandre Herculano* p.18, *Leão Tolstoi* p. 27, *Beethoven* p.41, *Vergílio Rodrigues de Passos* p.47, ou *Camponesa Algarvia* p.48, são exemplos deste período marcante na obra da escultora.

O naturalismo português alheou-se de extremismos, absorveu ou neutralizou toda a vontade de intervenção social e de invenção de linguagem. Sustentado por uma burguesia inculta, infiltrou-se nas escolas, nos museus e na informação pública, sendo difícil aos próprios artistas modernos não o ter como referência na prática e na teoria. (GONÇALVES, 1986)

No âmbito especificamente cultural, o naturalismo dominava porque foi vigorosamente implementado num raro momento de encontro entre escritores e artistas, no final do século XIX, sem contestação mais moderna.

A partir do final do século, multiplicam-se os sinais de fuga à descrição do real, através de uma busca de temas mais distantes do quotidiano, de recorte literário ou mitológico, que

podemos ver em obras como *Calúnia* p. 38, de Rosalina de Passos.

O expressionismo surgiu na escultura ligado ao naturalismo, passou-se da expressão de dor quotidiana ao visionarismo, e da sátira à ternura. Não se interessou pela idealização da realidade, mas em sua apreensão pelo sujeito. O expressionismo é a arte do instinto, há uma explosão da emoção e dos sentidos, que podemos observar em obras mais tardias de Rosalina, como *Sofrimento* p.36 ou *Vingança* p. 54.

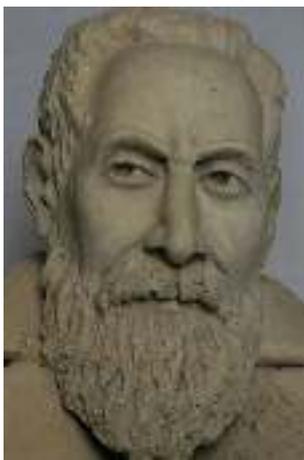
Nesta fase da escultura as esculturas ganharam nova plasticidade, através de um dinamismo inesperado, abrupto, improvisado, com grandes reentrâncias e textura áspera, expressando sentimentos de amor, medo, solidão ou miséria humana, patentes em esculturas como *Vítimas de Guerra* p.56.

As esculturas de Rosalina de Passos passam assim da forma clássica do naturalismo, para a deformação da figura, que pretende ressaltar o sentimento, havendo uma predominância dos valores emocionais sobre os intelectuais. *Sofrimento*, é talvez, a obra que melhor exemplifica este período da escultora.

Fig. 3| Título desconhecido. Escultura de influência naturalista.



Fig. 4| Sofrimento. Escultura de influência expressionista.



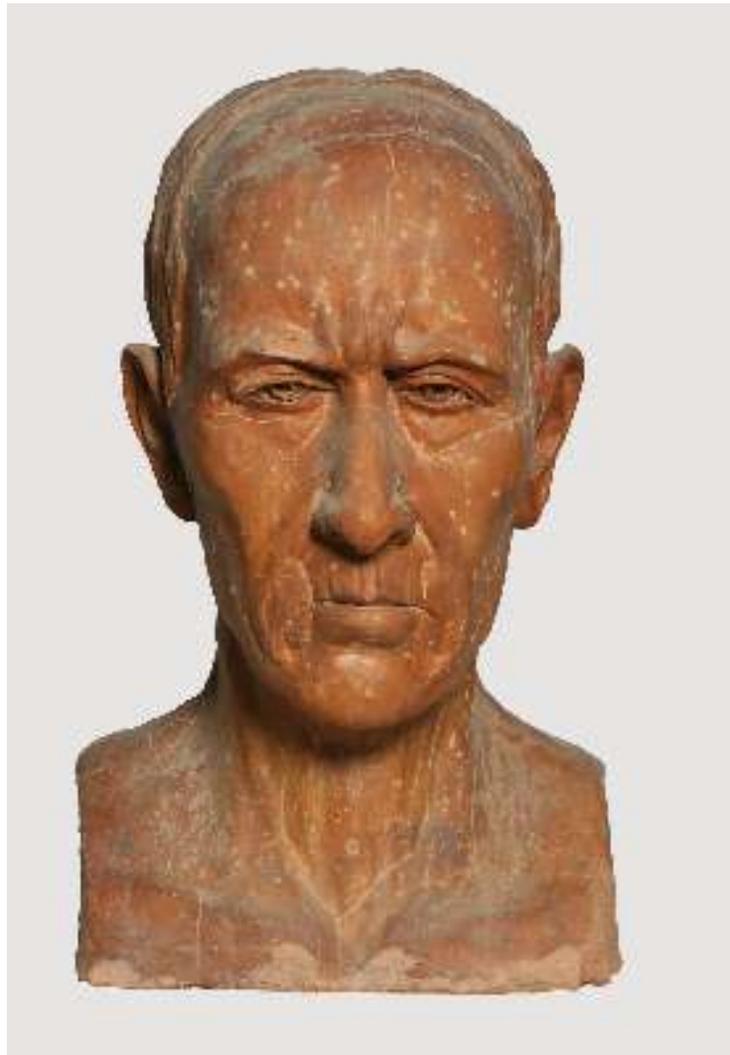
As esculturas

As esculturas de barro



Título desconhecido

( Não foram tiradas dimensões devido ao mau estado de conservação)



Alexandre Herculano

36 cm x 23 cm x 21 cm



Título desconhecido  
40 cm x 27 cm x 22 cm



Título desconhecido

35 cm x 25 cm x 23 cm



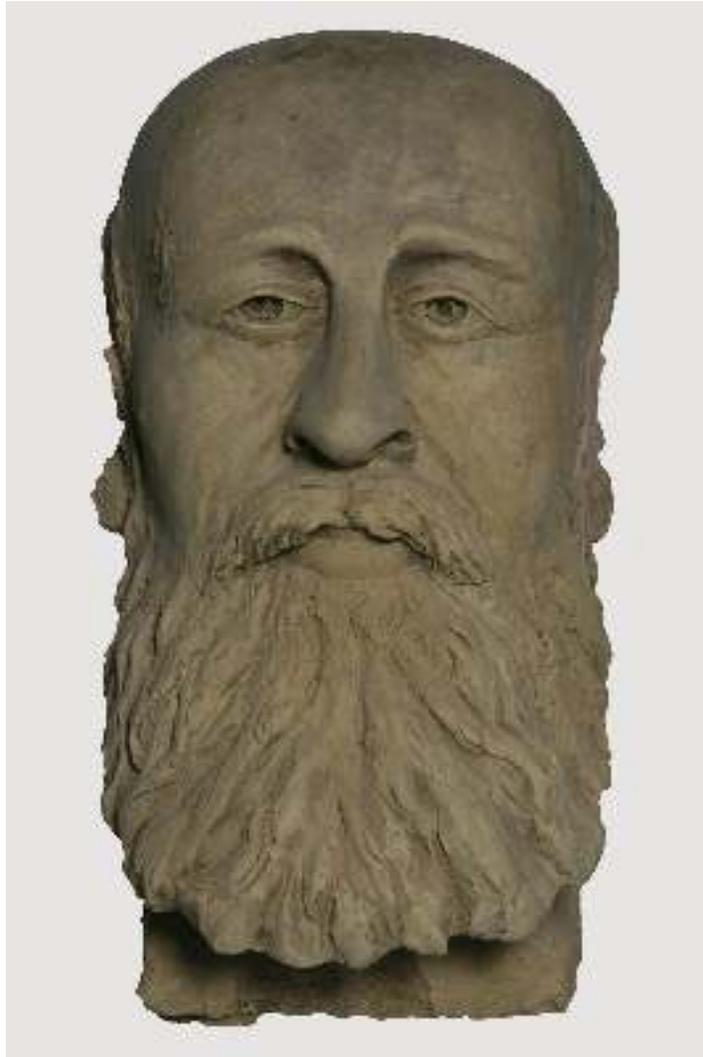
Título desconhecido

35 cm x 27 cm x 23 cm



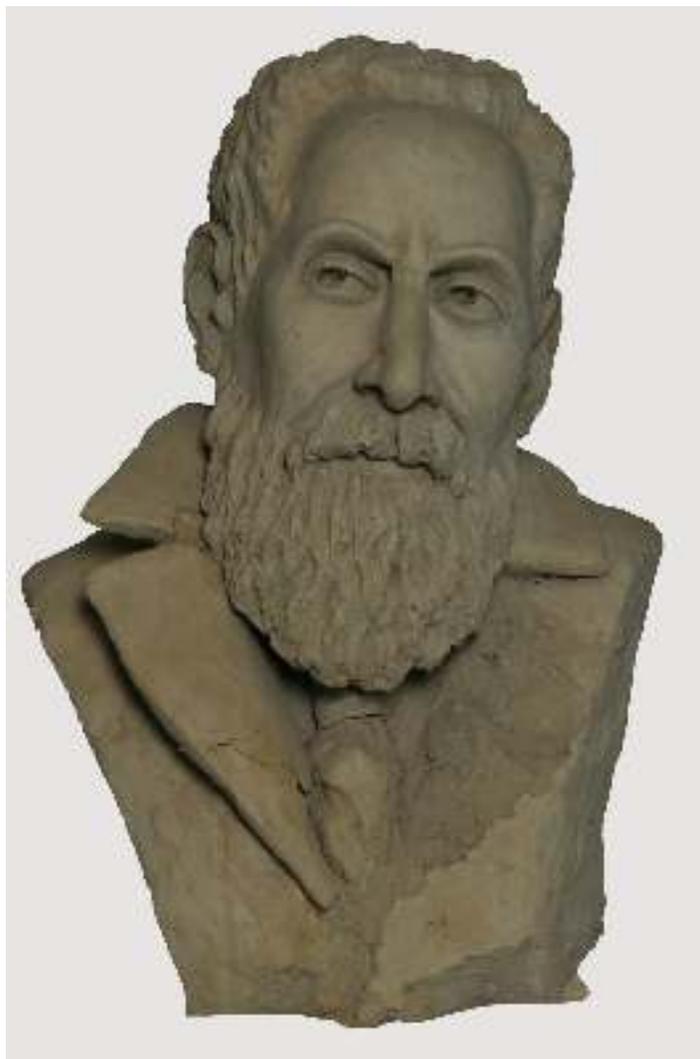
Título desconhecido

34 cm x 21 cm x 22 cm



Título desconhecido

30 cm x 17 cm x 23 cm



Título desconhecido

48 cm x 30 cm x 24 cm



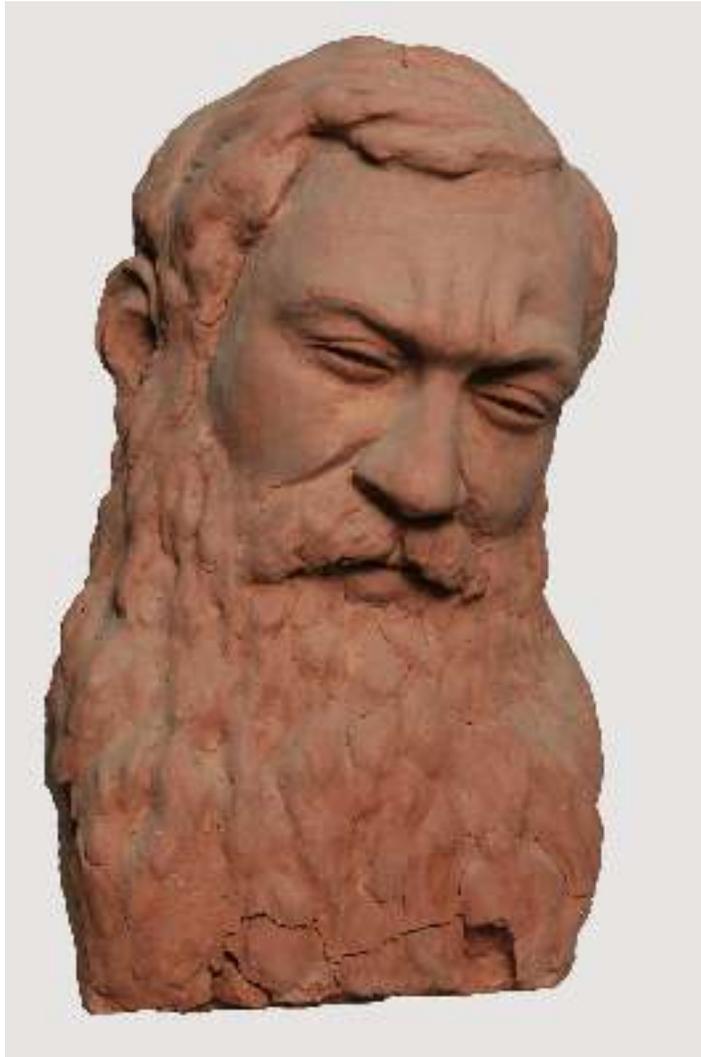
Título desconhecido

43 cm x 18 cm x 30 cm



Título Desconhecido

50 cm x 30 cm x 25 cm



Leão Tolstoi

35 cm x 24 cm x 22 cm



Título desconhecido

32 cm x 26 cm x 22 cm



Título desconhecido

33 cm x 17 cm x 19 cm



Dor de dentes  
37 cm x 20 cm x 21 cm



Título desconhecido

35 cm x 21 cm x 23 cm



Zé Povinho  
47 cm x 25 cm x 33 cm



Título desconhecido

31 cm x 24 cm x 20 cm



Patriota

61cm x 44 cm x 27cm



Súplica

56 cm x 31 cm x 31 cm



Sofrimento

33cm x 32 cm x 22 cm



Título desconhecido

46 cm x 37 cm x 31 cm



Calúnia

30 cm x 20 cm x 39 cm

As esculturas de gesso



Título desconhecido

47 cm x 34 cm x 26 cm



Beethoven

39 cm x 27 cm x 24 cm



Título desconhecido

31 cm x 22 cm x 21 cm



Título desconhecido

33 cm x 19 cm x 22 cm



Título desconhecido

38 cm x 18 cm x 21 c



Título desconhecido

34 cm x 25 cm x 19 cm



Título desconhecido

36 cm x 29 cm x 24 cm



Vergílio Rodrigues de Passos

33 cm x 27 cm x 20 cm



Camponesa algarvia

36 cm x 21 cm x 23 cm



Com frio

34 cm x 27 cm x 23 cm



Título desconhecido

38 cm x 31 cm x 32 cm



Título desconhecido

35 cm x 20 cm x 22 cm



Segredo da avozinha

55 cm x 38 cm x 33 cm



Título desconhecido

39 cm x 33 cm x 28 cm



Vingança

41 cm x 34 cm x 37 cm



Título desconhecido

46 cm x 59 cm x 27 cm



Vítimas de guerra  
43 cm x 41 cm x 30 cm



T ítulo desconhecido

31 cm x 33 cm x 29 cm